



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Domingos Monteiro com Azeredo Perdigão

Para citar este documento / To cite this document:

"Domingos Monteiro com Azeredo Perdigão", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 141.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

bom acolhimento de então e a memória positiva ainda cultivada pela geração hoje entre os 70 e os 80 anos.

A consagração, aliás, viria também de instituições — a Academia das Ciências de Lisboa tornou-o sócio efectivo em 1969, por mão de Vitorino Nemésio, Delfim Santos e Augusto de Castro, e o mesmo gesto se verificou por parte da Academia Brasileira de Letras dez anos mais tarde — e de instâncias de canonização literária: *O Primeiro Crime de Simão Bolandas* recebeu o Prémio Nacional de Novelística de 1965, galardão renovado em 1972 com *Letícia e o Lobo Júpiter*, e a que entretanto se juntara o Prémio «Diário de Notícias» 1966<sup>10</sup>.

A partir de 1958, Domingos Monteiro passou a trabalhar no Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, assumindo a sua direcção em 1974, após a morte de Branquinho da Fonseca. A esta instituição se devem, na verdade, as únicas recolhas biobibliográficas que lhe foram

dedicadas, bem como alguns testemunhos para a história da recepção da obra. Entre os seus admiradores sobressai David Mourão-Ferreira, cujo belo e entusiástico texto «Confessar e Contar», conferência proferida em 1990 na terra natal do escritor (Barqueiros, Mesão Frio), inaugura o número do *Boletim Cultural* da Fundação Calouste Gulbenkian que lhe é inteiramente dedicado (n.º 3, VIII série, 1996).

Quanto ao lugar ocupado por Domingos Monteiro na história da literatura portuguesa, um certo consenso crítico aponta-lhe a excelência na prática do conto (Álvaro Ribeiro, David Mourão-Ferreira, André Crabbé Rocha) e ainda o mérito de o ter renovado, juntamente com Régio, Torga e Branquinho da Fonseca (António Quadros, João Gaspar Simões). A reflexão frequente sobre a inexistência de uma sólida tradição nacional neste domínio alia-se ao reconhecimento dos muitos «cultores talentosos» surgidos na primeira metade do século XX (Rocha, 1997, p. 214). Até porque o conto se «casa bem com o temperamento português, feito de pronta emoção e rápida catarse»... (*ibid.*) — observação que assenta bem ao nosso autor. Na verdade, olhando o panorama da produção contística em Portugal entre os anos 40 e 60, não estaremos perante uma fase de ouro da aceitação do género em Portugal? É que, em simultâneo com as publicações portuguesas de José Régio, Miguel Torga, Branquinho da Fonseca, Ruben A., Jorge de Sena, João de Araújo Correia, Mário Braga, etc., na primeira metade dos anos 40, quando Domingos Monteiro se iniciou na literatura, editoras como a Portugália, a Arcádia ou a Atlântida começaram a publicar as grandes antologias de novelas e contos estrangeiros («Os Melhores Contos...», «Mestres do Conto...», «Antologia do Conto...»), que pas-



NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1969



COM AZEREDO PERDIGÃO, 1979